6º FIA FESTIVAL INTERNACIONAL AMAZÔNIDA DE CINEMA DE FRONTEIRA

CINEFRONT

www.cinefront.org

“NOSSO CINEMA É DE LUTA PELA TERRA,
DIREITOS HUMANOS, DEMOCRACIA, VIDA,
LIBERDADE, RIOS, FLORESTAS, AMAZÔNIA”

15 de abril a 15 de maio de 2021

“Projeto selecionado pelo Edital de Audiovisual
Lei Aldir Blanc Pará 2020”

PREFEITURA DE MARABÁ
UM GOVERNO POR VOCÊ

Lei Aldir Blanc PARÁ

SECULT Secretaria de Cultura

GOVERNO DO PARÁ

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO

PÁTRIA AMADA BRASIL
GOVERNO FEDERAL

SUMÁRIO:

1. O FIA CINEFRONT

3. Saudação à 6ª Edição

6. Homenagens

7. Programação

12. Como Assistir

13. Filme de Abertura

14. Filmes em exibição

20. Exposição Fotográfica

O FIA CINEFRONT

O Festival Internacional Amazônida de Cinema de Fronteira, FIA CINEFRONT, teve sua primeira edição realizada no ano de 2015, fruto da mobilização da comunidade acadêmica (professores, estudantes e técnicos) em parceria com os movimentos e organizações sociais envolvidas com a luta pela terra e defesa dos direitos humanos no sudeste paraense, Amazônia Oriental.

O festival tem suas raízes na Semana Camponesa, evento com atividades acadêmicas, políticas e pedagógicas e sessões de cineclube realizadas ao longo da primeira década dos anos 2000, sempre durante o mês de abril, como forma de homenagear a memória dos camponeses assassinados no Massacre de Eldorado dos Carajás (1996) e colocar em debate a luta pela terra e por direitos no campo, a questão agrária e os impactos da mineração e hidrelétricas na Amazônia.

O FIA CINEFRONT segue a tradição da Semana Camponesa, trazendo para as telas o debate sobre realidades da Amazônia e de outras regiões de fronteira pelo mundo, impactadas pela instalação de empreendimentos capitalistas. Mas também se consagra como o momento de celebrar as lutas sociais e a re-existência popular que fazem da fronteira front de batalhas por direitos, igualdade, justiça e dignidade. Assim, o FIA CINEFRONT realiza mostra de obras fílmicas que expõem a dinâmica social e contradições próprias das regiões de fronteira, envolvendo a vida, trabalho e cultura dos povos que aqui habitam, modos singulares de existir, de se organizar politicamente e de se relacionar com o mundo e com o meio, independentemente daquilo que é engendrado pelos interesses dos chamados "centros políticos e econômicos" da sociedade capitalista.

O festival é um evento colaborativo, de caráter não-competitivo, organizado por uma comissão ampla, o Coletivo Cinefront, do qual fazem parte membros da comunidade acadêmica da Unifesspa, da Universidade do Estado do Pará (UEPA), do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e da Comissão Pastoral da Terra (CPT), em parceria com outras universidades e da Secretaria Municipal de Cultura de Marabá. Desde sua criação o festival conta com o apoio institucional da Unifesspa, através da sua Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis – PROEX.

Em 2021, o FIA CINEFRONT chega a sua sexta edição, como sempre se reinventando, se ampliando e se diversificando ainda mais, as obras selecionadas e mesas de debates são provas disso. Mas, num contexto de pandemia, a maior inovação do festival neste ano é a criação de sua plataforma Cinefront.org, que permitirá ao festival seguir num continuum com sua mostra de filmes e fomento às reflexões críticas sobre o front e a fronteira, na Amazônia e no mundo.

SAUDAÇÃO À 6ª EDIÇÃO

A fronteira é considerada por muitos o limite aquém margem da civilização, onde ainda não habitam os progressos da modernidade, um lugar do vazio social, de riquezas naturais não explorados e um limbo de existências destituídas de humanidade. Sua conquista, historicamente, sempre foi justificada pela necessidade de ampliar as possibilidades da sociedade considerada centro do desenvolvimento, muitas vezes alegando a necessidade de integrar e mobilizar a própria região de fronteira a desenvolvimento igual.

Assim se justificou o processo secular contínuo de invasão, conquista, saques, extermínios civilizatórios e colonização dos continentes americano e africano. Assim se justifica a contínua usurpação, subjugação e destruição da Amazônia.

Assim secularmente as vidas que fazem da fronteira lugar de vida, em todas suas formas, tem sido drasticamente impactada, expropriada, arruinada e dizimada de todas as formas: desmatamento florestal; extinção de espécies animais; poluição, represamento e morte dos risos; privatização das terras; exploração dos minérios; escravidão, opressão e assassinato das populações locais etc.

Na região de fronteira, apoiados no seu controle do Estado e dos governos, os senhores do poder econômico - colonizadores, bandeirantes, fazendeiros, sojeiros, empreiteiros, mineradoras etc - fazem da violência a sua lei e instrumento da manutenção da ordem pela imposição da política do medo e da morte.
Não há porque assegurar aos povos locais a liberdade, igualdade, democracia e, até mesmo, a estar vivos, nada lhes justifica direitos humanos visto que não são considerados plenamente como tais, ainda estão na zona do não ser.

Assim se justificam todas as atrocidades cometidas no hoje pelo Governo Bolsonaro e seus apoiadores.

Mas aqui, onde a floresta queima para virar pasto e campos de soja; arvores gigantes são derrubadas para serem vendidas clandestinamente no mercado internacional;

garimpos alastram sua violência por territórios indígenas e contaminam rios e a maior empresa mineradora do mundo saqueia riquezas naturais, bem aqui, existem aqueles que se colocam à luta contra tudo isso e em defesa da vida e da Amazônia!

Aqui, bem aqui, existem aqueles que, de pés no chão e à palma da mão, cotidianamente, com suas diversas lutas - pela terra, pelos rios, pela floresta, por trabalho e renda e por direitos humanos - criam formas de re-existência as atrocidades do capitalismo e seus governos!

São indígenas, camponeses, quilombolas, extrativistas, trabalhadores urbanos, comunidade LGBTQI+ e populações de periferias urbanas que, para além da afirmação da fronteira como front de suas batalhas, auto organizados politicamente, vivenciam práticas solidária, de empoderamento mútuo e emancipação coletiva e defendem relações não predatória com a floresta, os rios e a terra, como produtores de conhecimentos, tecnologias, economias, artes e culturas que afirmam esse lugar como território de vida e justificam a urgência de todas as lutas por uma Amazônia viva!

É bem aqui, nesse território de lutas, contradições e reinvenções, por entre tempos de pandemia e governos da necropolítica, que também re-existimos e vimos anunciar a realização de nosso festival, com arte do cartaz produzida a partir das fotos de Miguel Takao Chikaoka, artista homenageado neste ano que registrou muitos momentos históricos da luta popular e por direitos humanos na Amazônia.
É aqui, bem aqui, onde nascem revoluções em defesa da vida todos os dias, denunciando atrocidades e anunciando possibilidades à humanidade que fazemos e celebramos nosso cinema como uma arma de todas as Lutas Amazônicas!

Fora Bolsonaro, Genocida!!

Bem vindos ao 6º Festival Internacional Amazônida de Cinema de Fronteira - FIA CINEFRONT.

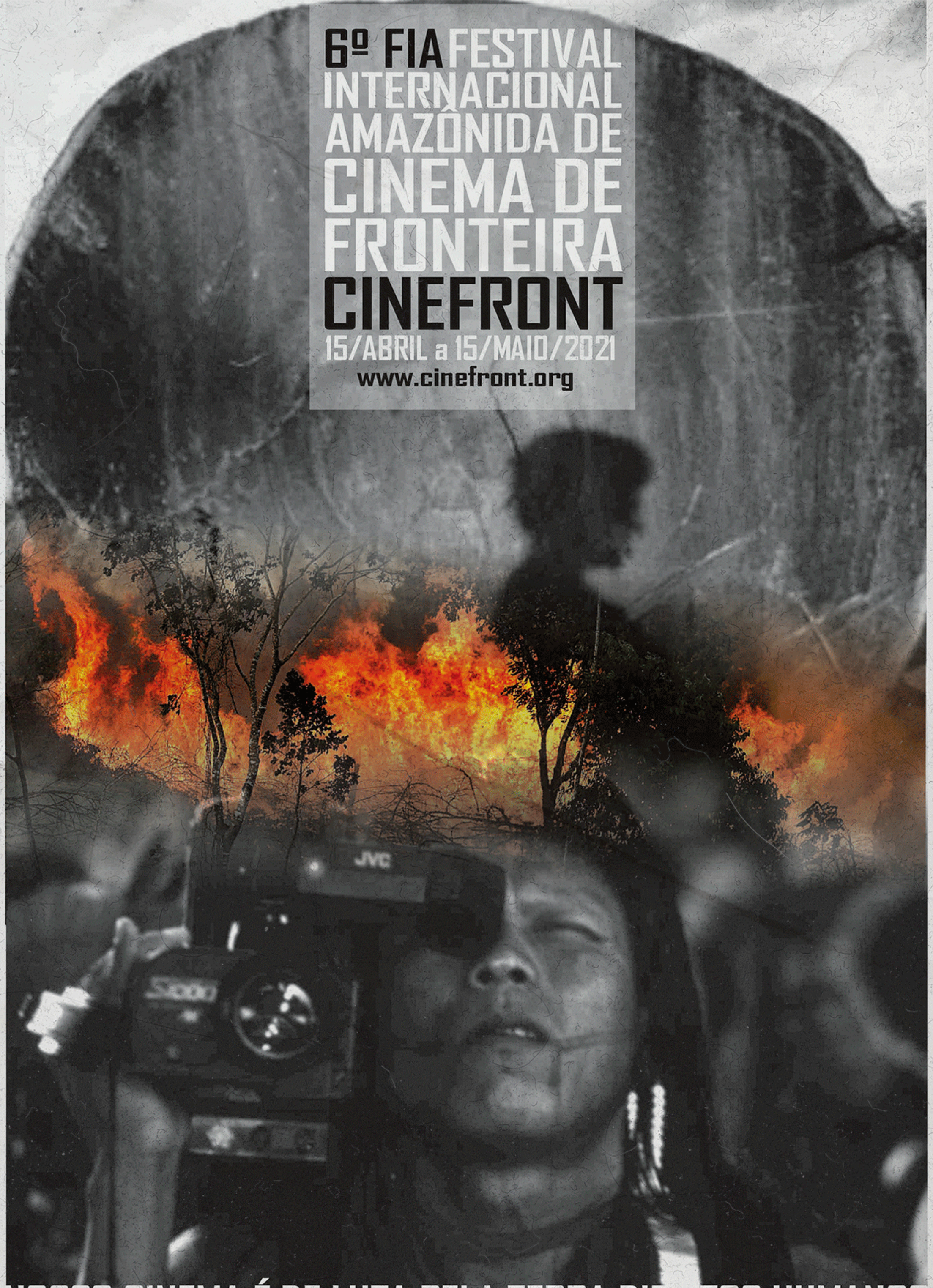
Evandro Costa de Medeiros – Curador do FIA CINEFRONT

6º FIA FESTIVAL INTERNACIONAL AMAZÔNIDA DE CINEMA DE FRONTEIRA

CINEFRONT

15/ABRIL a 15/MAIO/2021

www.cinefront.org



NOSSO CINEMA É DE LUTA PELA TERRA DIREITOS HUMANOS DEMOCRACIA VIDA LIBERDADE RIOS FLORESTAS AMAZÔNIA

HOMENAGENS

PUREZA LOPES LOYOLA

Entre os anos de 1993 e 1996, Pureza saiu de Bacabal (MA) em busca de seu filho Abel, que havia sido aliciado para trabalhar em uma fazenda na região. No seu percurso entre os municípios do Maranhão e do Pará, se deparou com graves situações de exploração de trabalhadores em garimpos, carvoarias e fazendas.

Pureza registrou e denunciou essas violações às autoridades do poder público. Sua luta teve grande repercussão nacional e internacional. As suas andanças e denúncias contribuíram e provocaram o reconhecimento pelo Estado Brasileira da existência do trabalho escravo no país em 1995. Sua história e luta inspiram o longa metragem Pureza (2019), do diretor Renato Barbieri, que teve como um dos seus sets de filmagem a cidade de Marabá e outras cidades do Sul e Sudeste do Pará, que será exibido pela primeira vez na região por ocasião do CINEFRONT.

MIGUEL CHIKAOKA

fotógrafo atuante que documentou em fotografias realizadas durante o período as mudanças na região sul e sudeste do Pará entre as décadas de 80/90 do século XX. As imagens inéditas são importantes registros desse período na região, em que Chikaoka acompanha ações relacionadas à luta pela os direitos do povo do campo, os impactos do início da exploração mineral na região, a invasão de terras indígenas e a importante atuação da Comissão Pastoral da Terra (CPT). É de sua autoria a icônica fotografia de Quintino Gatilheiro, pistoleiro que apoiou movimento de revolta contra os grileiros no nordeste do Pará.

PROGRAMAÇÃO

Dia 15 de abril - quinta-feira - 17h

Abertura Oficial:

Francisco Costa (Reitor da Unifesspa)
José Amilton (Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Estudantis Unifesspa)
Evandro Medeiros (CINEFRONT)
Ayala Ferreira (MST)
Claudiana Guido (C.CULT/DEXT/PROEX-Unifesspa)
HandPan Amazônico (Grupo de música experimental)

19h

Homenagem a Pureza Lopes de Loyola

Renato Barbieri (Cineasta)
Pureza Lopes de Loyola (Homenageada)
Dira Paes (Atriz)
Marcone Moreira (Artista Plástico)
Rose Bezerra (CPT)
Gil Vieira Costa (ILLA C.CULT/DEXT/PROEX-Unifesspa)
Lília Diniz (Artista, Imperatriz-MA)

20h

Pureza (2019)
Renato Barbieri, 100'

Dia 17 de abril - sábado - 19h

Sessão Debate: Cinema e memória da Luta pela Terra

Camila Freitas (Diretora)
Maria Raimunda (MST)
Fernando Michelotti (Unifesspa)
Alan Leite, Gracinha Donato e Luciana Melo (MST)

20h

Chão (2019), Camila Freitas, 112'

Dia 18 de abril - domingo - 20h

GWAJ BA NHÕ PYKA, a nossa terra (2014/2015), Simone Giovine, 5'29"

Histórias de cumaru (2018), Simone Giovine, 8'25"

PI'Y – Castanha (2017), Simone Giovine, 5'41"

Parente, a esperança do mundo, Graciela Guarani

Nossa Alma não tem cor, Alexandre Pankararu e Graciela Guarani

O Verbo se fez carne, Ziel Karapotó

Dia 20 de abril – terça Feira - 19h

Sessão Debate: Resistências latino-americanas

Jesus Alberto Reyes Acevedo (Cineasta)
Ana Emília (MST)
Ginno Perez (UFF)

20h

Tiempos de Lucha, aciones de una comuna (2020), Jesús Reyes, Jesús García e Víctor Hugo Rivera, 91'

Dia 23 de abril – sexta-feira - 19h

Sessão Debate: Religiosidade afro brasileira

Soraya Públio Mesquita (Cineasta)
Vanda Melo (GAC São Félix)
Gisela Macambira (FACSAT/Unifesspa)
Íris Moraes (Docente UFAP)
Francirlene Santos Queiroz (Egressa da FACSAT/Unifesspa)
Rodrigues Silva (Poeta e Discente da FACSAT)

20h

MOKAMBO: Nguzo Malunda Bantu- Força da Tradição Bantu (2018) – Soraya Públio Mesquita, 52'

Dia 26 de abril - segunda-feira -19h

Sessão Debate: Povos tradicionais e as ameaças do capital

Fiama Rodrigues Silva
Guilherme Rodrigues
Charles Trocate (MAM)
Cristiane Vieira Cunha (NEAM Unifesspa - MEDIAÇÃO)
Lailson Ferreira (Poeta e músico)
Trevo Ribeiro (Poeta e músico)

20h

Caiçaras – Às margens do Brasil (2017) – Dir.: Guilherme Rodrigues, 88'

Pedral do Caminho (2019) – Dir.: Fiama Rodrigues Silva, 5'5"

Dia 30 de abril – sexta-feira - 19h

Sessão debate: Trabalho escravo
Participação: Renato Barbieri

Marinaldo Santos
José Batista (Advogado CPT)
Dr. Jonathas Andrade (Luiz do Trabalho)
Xavier Plassat (CPT)
Airton Pereira (UEPA e PDTSA/Unifesspa)
Grupo Afixerê (Açailância/MA)

Servidão (2019), Renato Barbieri, 72'

PROGRAMAÇÃO

Dia 03 de maio - segunda-feira -19h

Homenagem a Miguel Chikaoka

Cinthya Marques
Miguel Chikaoka
Armando Queiroz (Mediação)
Emanuel "Mano" Wambergue (Ativista político)

Marcone Moreira (participação)
Ademir Brás (Poeta)

Dia 06 de maio - quinta-feira - 19h

Sessão Debate: As lutas feminista e LGBTQIA+ na Amazônia

Beatriz Morbach (Diretora)
Taís Lobo (Diretora)
Melissa Gabriela (Artista e discente dA FADIR/Unifesspa)

Margarida Negreiros (FECAMPO/Unifesspa)
Diva Lopes (Poeta)
Maria Rojava (Artista)
Débora McDowell (Cineasta)
Renata Taylor (Cineasta)

20h

Transamazônia (2019), Renata Taylor, Débora McDowell e Bea Morbach, 74'

Encantadas - Mulheres e suas lutas na Amazônia (2018), Taís Lobo e Milena Argenta, 21'

Dia 12 de maio - quarta-feira - 19h

Sessão Debate: Ditadura militar e Direitos humanos

Luiz Arnaldo Campos (Cineasta)
André Araújo (Cineasta)
Henrique Amud (Cineasta)
Jorge Luiz Ribeiro (Docente do IEDS/Unifesspa)
Gracinha Donato (Atriz, MST)

20h

Depois do vendaval (2019), José Carlos Asbeg, Luiz Arnaldo Campos e Sérgio Péo, 75'

Labirinto de papel (2014), André Araújo e Roberto Giovannetti, 29'

Atordoado, eu permaneço atento (2019), Henrique Amud e Lucas H. Rossi dos Santos, 15'

Dia 14 de maio - sexta-feira - 19h

Sessão de Debate: "Cinema na Transamazônica: por entre fronts e fronteiras"

Luiz Arnaldo Campos (Cineasta)
Jorge Bodanzky (Cineasta)
Evandro Medeiros (CINEFRONT, FECAMPO/Unifesspa)

20h

Transamazônica: Utopias na selva (2021), Luiz Arnaldo Campos, Série 04 episódios

Dia 15 de maio - sábado - 8h

Pureza (2019), Renato Barbieri, 100'

19h

"Conexão Cultural Amazônias"

MINI CURSOS E OFICINAS

16 a 26 de abril - das 10h às 12h

Mini-Curso "Documentário de Criação"

Ministrante: Camila Dutervil

Carga horária: 15horas

23 a 30 de abril - das 9h às 12h

Oficina de "Interpretação Artística para Audiovisual"

Ministrantes: Alberto Silva Neto e Cláudio Barros

Carga horária: 15horas

03 a 07 de maio das 9h às 12h

Oficina "A criação de imagens e o mundo da internet: em busca do selfie perdido"

Ministrante: Mateus Moura

Carga horária: 15horas

10 a 14 de maio - das 9h às 12h

Oficina "Curta Metragem: do roteiro à tela"

Ministrante: Kermuel Carvalheira

Carga horária: 15horas

COMO ASSISTIR

Filmes e séries

acesse a Plataforma do FIA CINEFRONT em
cinefront.org

Exposição Fotográfica

acesse a Plataforma do FIA CINEFRONT em
cinefront.org

Sessões Debate

acesse o canal do CINEFRONT no YouTube
ou no Facebook
(**facebook.com/cinefront.amazonia**)

Minicursos e Oficinas

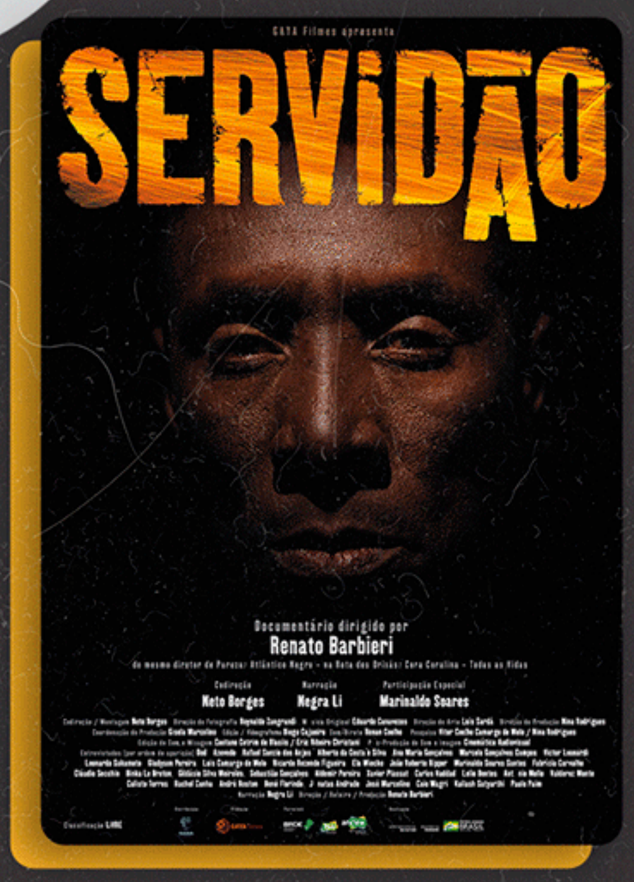
efetue a inscrição em
sigeventos.unifesspa.edu.br. As
atividades serão realizadas em salas
fechadas do Google Meet

FILME DE ABERTURA

Pureza (2019) – Dir.: Renato Barbieri – Duração: 100’

Longa-metragem inspirado em fatos reais sobre Pureza, uma mãe que, após 6 meses sem notícias do seu filho Abel que havia partido para o garimpo no sul do Pará, sai de Bacabal no Maranhão em sua procura, com a roupa do corpo e poucas economias dentro da bolsa. Ela refaz o caminho de Abel e acaba encontrando um sistema de aliciamento e de cárcere de trabalhadores rurais, que os coloca em uma situação de escravidão. Pureza, esperando encontrar Abel, se emprega numa das fazendas, onde testemunha o tratamento brutal de trabalhadores e o desmatamento florestal. Escapa e denuncia os fatos às autoridades federais. Sem credibilidade e lutando contra um sistema perverso, ela retorna à floresta para coletar provas do que relatou em Brasília. Depois de anos, encontra seu filho e suas denúncias desencadeiam um processo de mobilização do Estado brasileiro que liberta milhares de trabalhadores da situação da “escravidão moderna” ou “escravidão por endividamento.

FILMES EM EXIBIÇÃO

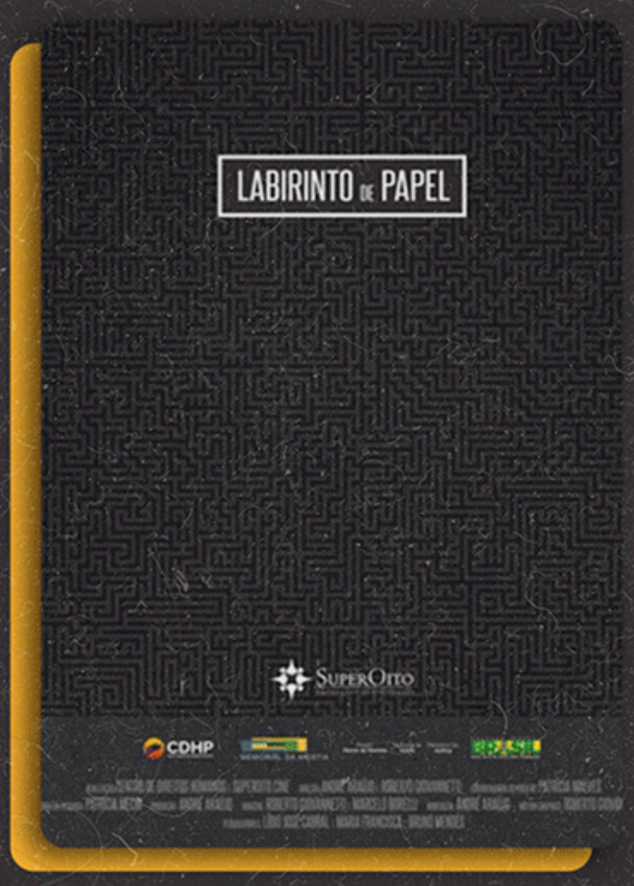


Servidão (2019) – Dir.: Renato Barbieri – Duração: 72'

Através do testemunho de abolicionistas modernos e de trabalhadores rurais que foram vítimas da escravidão contemporânea, o filme investiga a mentalidade escravagista da sociedade brasileira que remonta a cinco séculos.

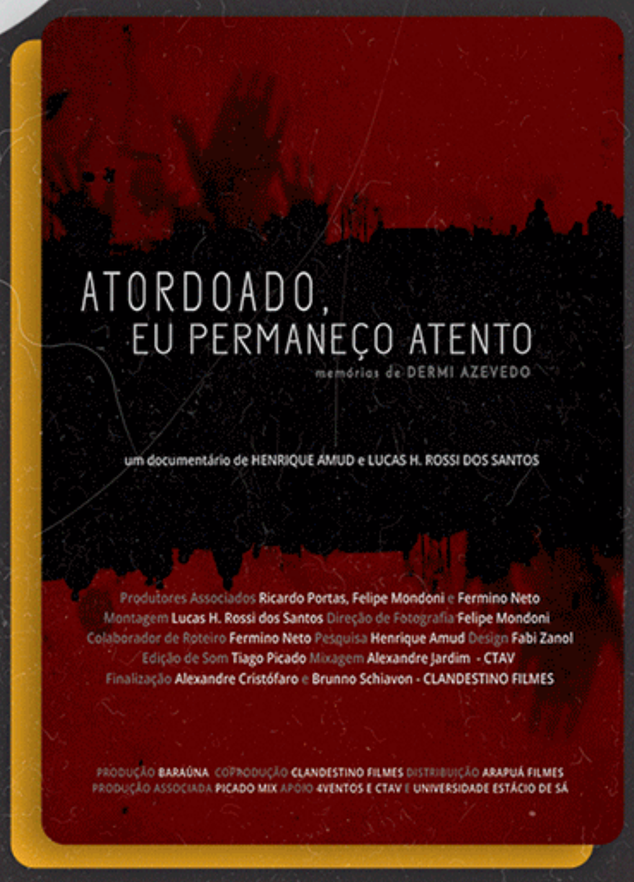
Depois do vendaval (2019) – Dir.: José Carlos Asbeg, Luiz Arnaldo Campos e Sérgio Péo – Duração: 75'

A obra trata do início do fim da ditadura militar no Brasil. Um inventário político-afetuoso de anos marcados pelo esforço de milhares de homens e mulheres para restabelecer nossa democracia, cuja inscrição na memória ganha contornos de urgência diante das sérias ameaças que voltam a pairar sobre direitos, liberdades e soberania nacional nesta quadra do século XXI.



Labirinto de papel (2014) – Dir.: André Araújo e Roberto Giovannetti – Duração: 29'

Um grupo de pesquisadores viaja o Brasil e o interior do Tocantins atrás de documentos e relatos que comprovam mortes e desaparecimentos de militantes na região do então norte de Goiás. Premiado no Edital Marcas da Memória, do Ministério da Justiça.

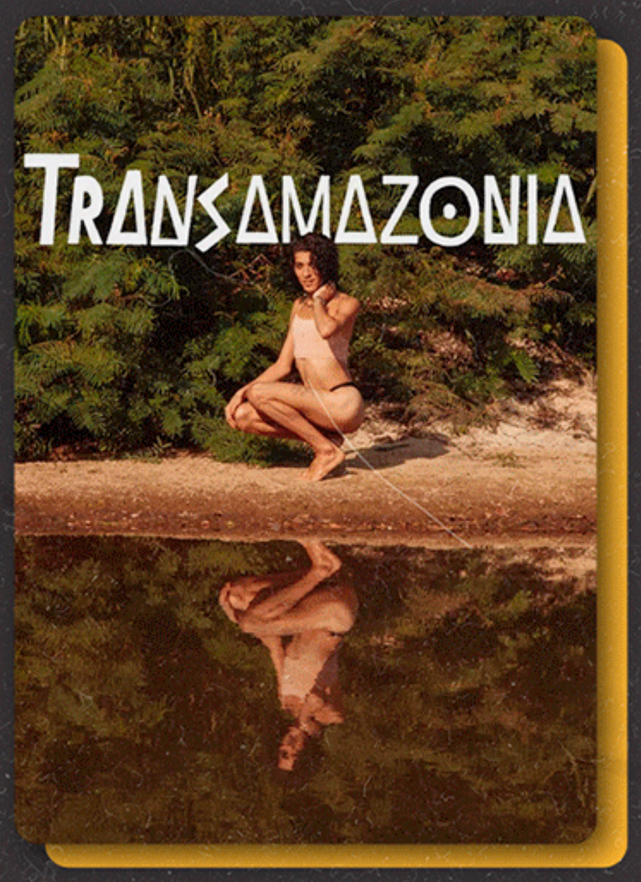


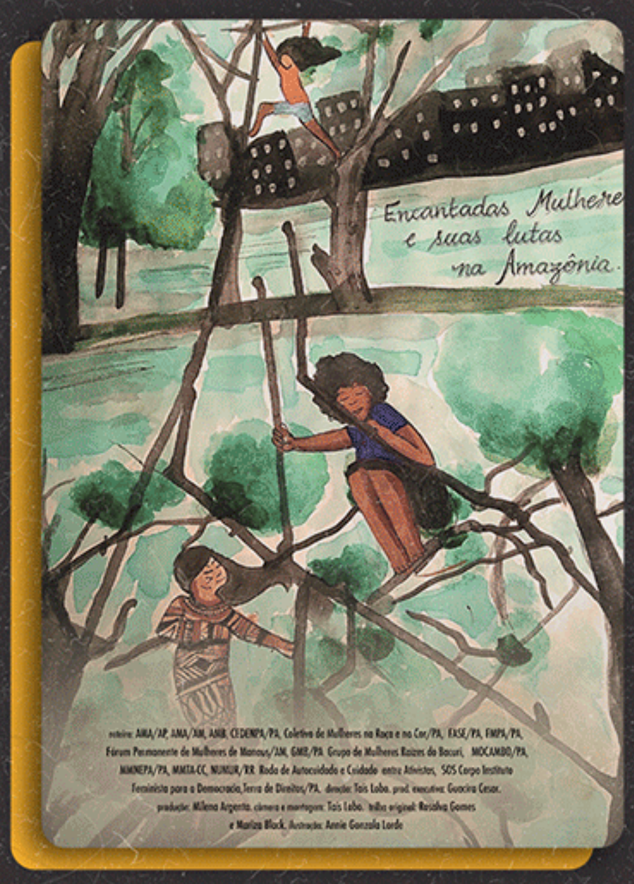
Atordoado, eu permaneço atento (2019) – Dir.: Henrique Amud e Lucas H. Rossi dos Santos – Duração: 15'

O documentário traz depoimentos do jornalista Dermi Azevedo, que nunca parou de lutar pelos direitos humanos e, agora, três décadas após o fim da ditadura, assiste ao retorno das práticas daquela época.

Transamazônia (2019) – Dir.: Renata Taylor, Débora McDowell e Bea Morbach – Duração: 74'

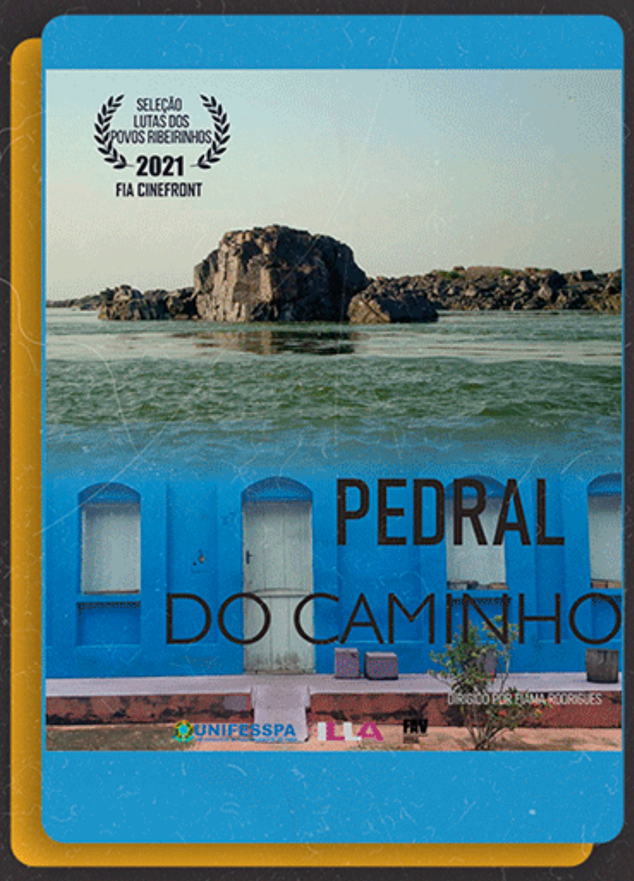
O documentário acompanha duas vidas complicadas. Melissa é uma mãe de 21 anos, é universitária e vive no sudeste paraense. Marcelly, aos 35, está desempregada e mora com a família no interior do Amazonas. Elas são mulheres trans que vivem em pontos distintos da Rodovia Transamazônica, território onde o desenvolvimento prometido nunca chegou.





Encantadas - Mulheres e suas lutas na Amazônia (2018) – Dir.: Taís Lobo e Milena Argenta – Duração: 21'

Retrata a resistência das mulheres defensoras de direitos humanos em diversos territórios da Amazônia. Indígenas, quilombolas, ribeirinhas, pescadoras, agricultoras, as mulheres amazônicas lutam pelo reconhecimento de suas terras, pela preservação das águas, pelo direito de viver bem, pela preservação da natureza, e por respeito às suas culturas e seus modos de vida.

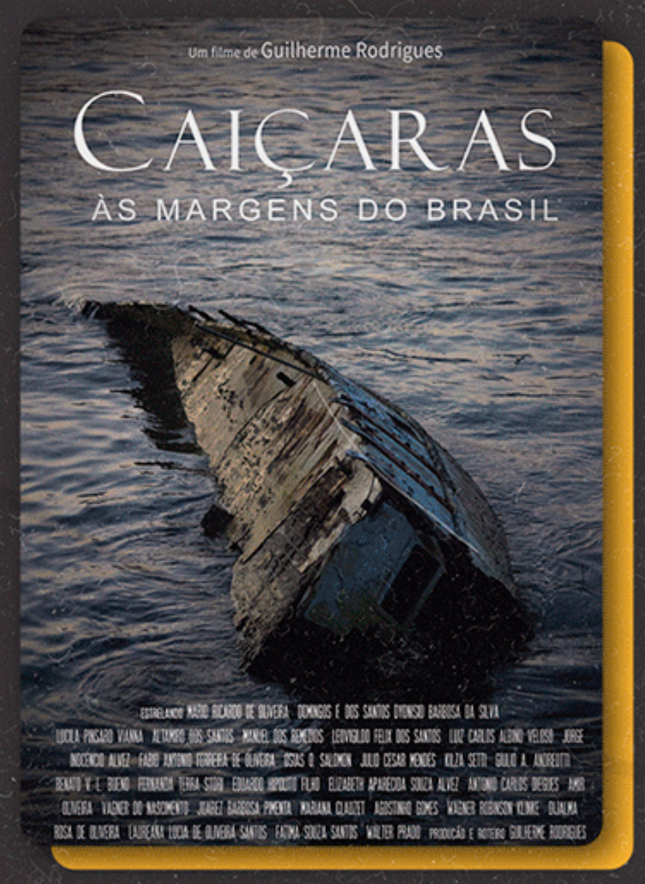


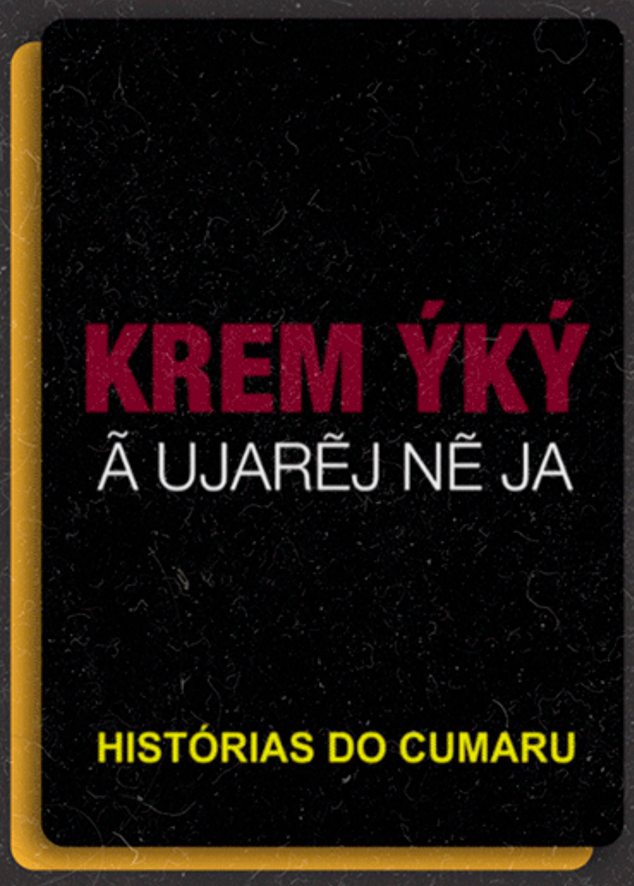
Pedral do Caminho (2019) – Dir.: Fiama Rodrigues Silva – Duração: 5'5''

O documentário busca diversas perspectivas dos moradores acerca de como é viver em Itupiranga e sobre a derrocada do Pedral do Lourenção. De que forma esse projeto está sendo apresentado para a população? A hidrovia proposta trará benefícios para a região? Quais serão os impactos ambientais e sociais? Como ficará a situação dos moradores atingidos?

Caiçaras – Às margens do Brasil (2017) – Dir.: Guilherme Rodrigues – Duração: 88'

O documentário aborda a vida e a cultura da população caiçara que reside no litoral sul do estado do Rio de Janeiro e em várias comunidades espalhadas por toda a costa do estado de São Paulo. Revela os fatores que colocam em risco suas tradições e a ameaça da indústria petrolífera a partir da exploração dos campos de pré-sal.





Histórias do cumaru (2018) – Dir.: Simone Giovine – Duração: 8'25''

O mini documentário retrata a relação do povo Kayapó com a floresta a partir da semente do Cumaru. Produzidas pelo Coletivo Betúre Audiovisual Mëbêngokrê, da Associação Floresta Protegida, apresenta o processo de coleta do fruto e de extração da semente, além da utilização pela comunidade da Aldeia Kendjam Mingugu, da TI Kayapó, Pará.

PI'Y – Castanha (2017) – Dir.: Simone Giovine – Duração: 5'41"

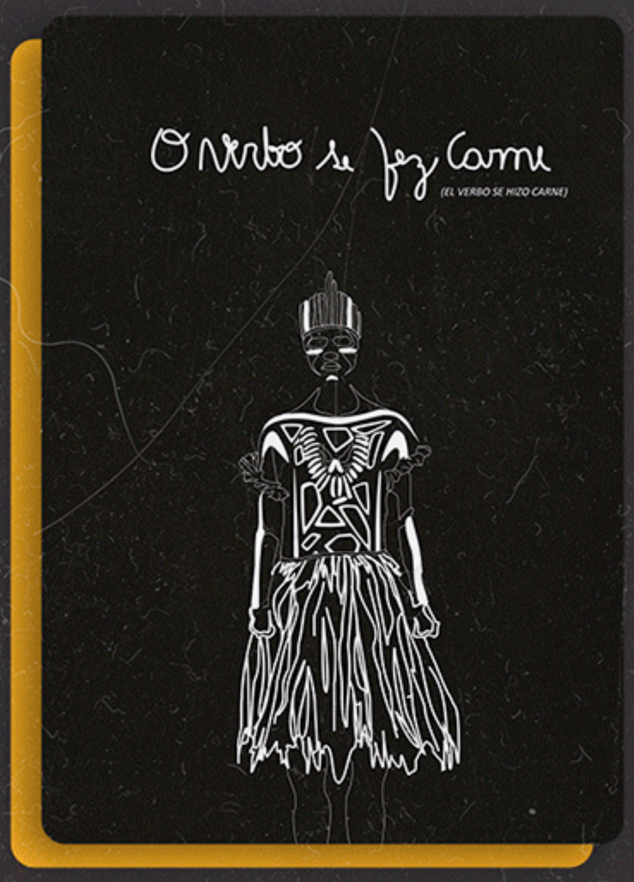
O mini documentário retrata a relação do povo Kayapó com a floresta a partir do fruto da castanha. Produzidas por cineastas indígenas, as imagens retratam o cotidiano da comunidade da Aldeia Keddjerekrã, da TI Kayapó, Pará.

GWAJ BA NHÕ PYKA, a nossa terra (2014/2015) – Dir.: Simone Giovine – Duração: 5'29"

Registros produzidos durante o processo de elaboração do Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA), da Terra Indígena Las Casas, conduzido pelas comunidades kayapó de Tekrejarotire e Kaprãnkrere, entre março de 2014 e abril de 2015.

Parente, a esperança do mundo (2020), Dir: Graciela Guarani – Duração: 52'

Em tempos nebulosos, sombrios e de muita incerteza em que vivemos, com a sombra de uma pandemia que arrasa com o planeta, PARENTE – A esperança do mundo vem no sentido de resiliência, reflexão e trazer à tona a potência da palavra resistência em toda sua magnitude refletida na força das artes originárias, linguagens, formas e pensamentos das culturas milenares originárias.

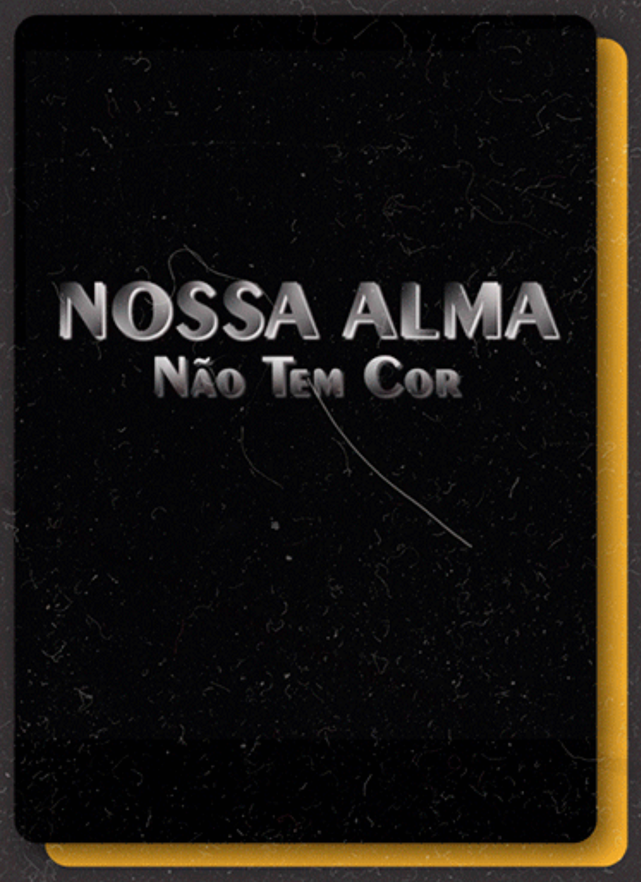


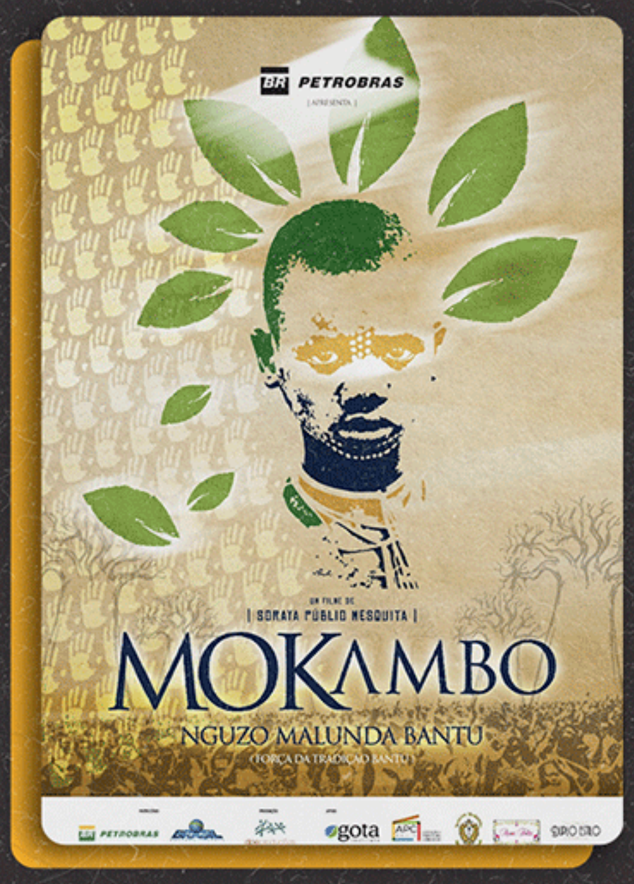
O Verbo se fez carne (2019), Ziel Karapotó – Duração: 6'

Neste vídeo performance, Ziel Karapotó denuncia as violências dos processos de colonização junto às comunidades tradicionais.

Nossa Alma não tem cor (2019), Graciela Guarani e Alexandre Pankararu - Duração: 22'

O curta-metragem documentário aborda um dos grandes desafios enfrentados pelos povos indígenas: o racismo. Grandes nomes de lideranças indígenas do Brasil como Ayrton Krenak, Sonia Guajajara dentre outros falam dessa questão dentro do cenário brasileiro atual.





MOKAMBO: Nguzo Malunda Bantu (Força da Tradição Bantu) (2018) –Dir.: Soraya Públio Mesquita – Duração: 52'

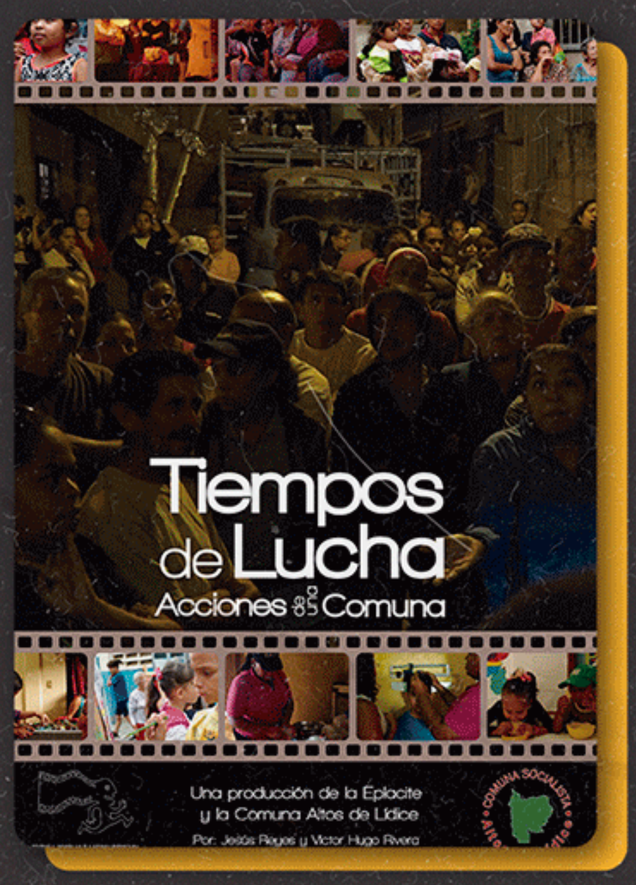
O documentário retrata, com riqueza de detalhes e belas imagens do Brasil e da África, a vasta herança cultural trazida pelos povos de origem Bantu (maior número de escravizados no Brasil entre os séculos XVI e XVIII). Estas tradições deram origem à capoeira, ao samba, ao maracatu, ao maculelê entre outras manifestações culturais.

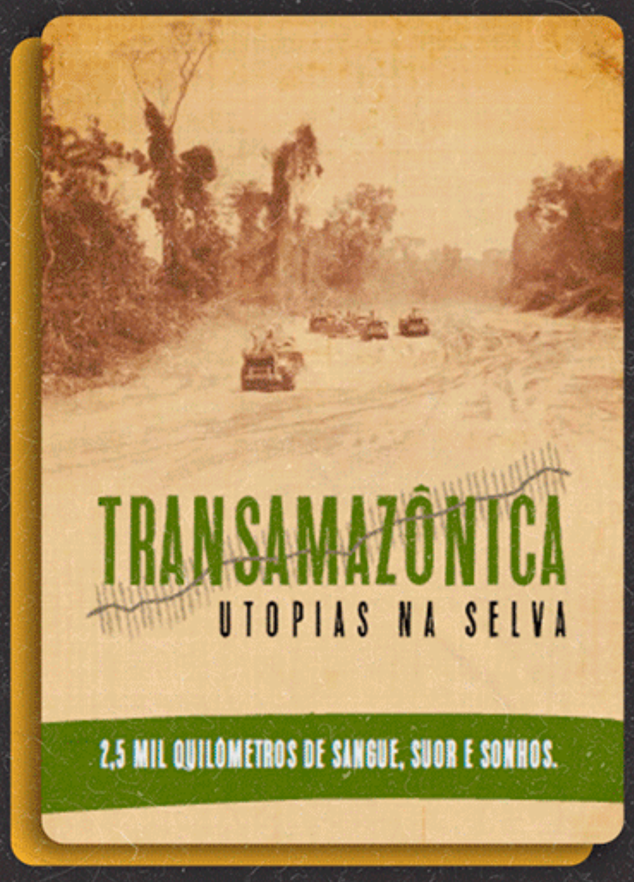
Chão (2019) – Dir.: Camila Freitas – Duração: 112”

A despeito da estagnação jurídica e da aridez do agronegócio no sul de Goiás, a ocupação de uma usina de cana-de-açúcar em processo de falência se firma em resistência e reinvenção de uma paisagem em disputa. Vó, PC e 600 acampados do MST regam diariamente a utopia de um lugar por vir, em um futuro projetado no horizonte ainda intocável da reforma agrária.

Tiempos de Lucha, aciones de una comuna (2020) – Dir.: Jesús Reyes, Jesús García e Víctor Hugo Rivera – Duração 91’

Sete Conselhos Comunais localizados na Paroquia Sucre, no noroeste de Caracas-Venezuela, decidem se organizar e somar esforços para constituir a “Comuna Altos de Lídice”. Durante um ano foi feito o registro audiovisual das estratégias geradas pela comunidade para conquistar o bem-estar social de todos seus integrantes. Tradução: Ciro Casique Silva





Transamazônica: Utopias na selva (2021) - Dir. Luiz Arnaldo Campos – 04 Episódios

Uma viagem de 2.500 quilômetros pela Rodovia Transamazônica, esmiuçando e confrontando os quiméricos planos oficiais, as transformações na vida dos moradores da região e os sonhos dos milhares de brasileiros atraídos para viver no entorno da rodovia. Muito além do que uma série documental, é uma crônica das miragens construídas, destruídas, refeitas e em mutação da valiosa Amazônia brasileira.

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA

15 de abril a 15 de maio de 2021

Amazônia, adeus
Miguel Chikaoka
Curadoria: Cinthya Marques

“Amazônia, Adeus” de Miguel Chikaoka

[Exposição Fotográfica]

Fotografar é interpretar a si, aos outros e ao mundo. O trabalho do fotógrafo se assemelha ao ofício de um contador de histórias, capaz de narrar um fato através de uma fotografia. Embora exista muita diferença entre a imagem e a realidade que ela supostamente deveria apresentar, narrar contextos amazônicos através de fotografias se revela na exposição Amazônia, Adeus que celebra a obra do fotógrafo Miguel Chikaoka durante o VI Festival FIA CINEFRONT, e apresenta uma parte do acervo de imagens produzidas entre as décadas de 1980 e 1990, nas regiões do sul e sudeste do Pará.

A exposição traz à tona denúncias sobre as condições de vida das populações locais, pois Chikaoka dispõe de imagens da luta camponesa pela terra, dos impactos da exploração mineral na região e da resistência dos povos indígenas no combate à invasão de suas reservas. Fotografias produzidas em contextos marcados historicamente por intensos conflitos, violência e massacres, não muito diferentes de um cenário de guerra. Em registros do cotidiano nas trincheiras contra violações de direitos e desigualdade social, em meio ao agravamento da expropriação dos recursos naturais e a destruição da Amazônia, Chikaoka captou a tônica do processo de ocupação da região do final do século XX.

A história de Miguel Chikaoka e seu deslocamento para a Amazônia se cruza com fatos cruciais da história recente da região. Ao fixar residência em Belém na década de 1980, ele inicia sua atuação no contexto da produção fotográfica local, promovendo eventos fotográficos que culminam na formação do coletivo Fotoativa – transformado em associação nos anos 2000 e que continua em funcionamento até os dias atuais. Amazônia, Adeus surge de uma curadoria realizada a partir do acervo do fotógrafo durante as viagens realizadas como correspondente das agências F4 (entre 1981/1991), N-Imagens (1991/1994) e como fotógrafo do jornal Resistência, da Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos (SDDH).

.

Seu acervo guarda ainda registros dos impactos das famílias que foram desalojadas pela Eletronorte para construção da Hidrelétrica de Tucuruí, com fotografias do Acampamento dos Expropriados da Barragem de Tucuruí, em 1984. No sul do Pará, em 1987, Chikaoka viajou pela região realizando um trabalho de denúncia sobre serrarias instaladas ilegalmente dentro da floresta. Este acervo apresenta ainda retratos de indígenas durante o Encontros dos Povos Indígenas, no ano de 1989, em Altamira, em que os indígenas assumem o protagonismo no ato de segurar a câmera filmadora, revelam um olhar sobre si diante do mundo. As fotografias do projeto Infância e Adolescência na Amazônia, de 1991 – ação realizada através da Organização Meninos e Meninas de Ruas da República de Emaús, coordenados pelo Padre Bruno em parceria com a UNICEF – buscou traçar um perfil das crianças e dos adolescentes do interior da Amazônia, documentando a realidade do trabalho infantil, as condições gerais nas escolas, as questões relacionadas ao saneamento básico e condições de moradia, alertando ainda para o risco da prostituição infantil.

Amazônia, Adeus é uma proposta visual reflexiva sobre fatos e acontecimentos narrados por Miguel Chikaoka, que possibilitam compreender os diferentes contextos exploratórios do processo de desvalorização da Amazônia. É uma tentativa de rememorar estas ocorrências históricas que permeiam a memória social desta região, pois adota o envolvimento do olhar fotográfico como um modo a denunciar e apresentar estas realidades amazônicas em fotografias e desta forma, narrá-las.

Curadoria e texto: Cinthya Marques

Comissão Organizadora Geral

- Airton Pereira (Docente PDTSA e UEPA)
- Amintas Lopes da Silva Júnior (Docente da FECAMPO)
- Ana Cláudia Condeixa de Araújo (Docente, coordenadora de extensão e cultura do ICSA)
- Bárbara Soares Ranke (Coordenadora de comunicação e articulação social – DEXT/PROEX)
- Cinthya Marques do Nascimento (docente do ILLA)
- Claudiana Gomes Guido (Coordenadora de Cultura – DEXT/PROEX)
- Cristiano Bento da Silva (Docente, coordenador de extensão e cultura do IEX)
- Delciane de Freitas Silva (Chefe do Departamento de Apoio Administrativo – DEXT/PROEX)
- Eliane Pereira (Docente, Coordenadora de extensão do IEA)
- Eudes André Leopoldo de Souza (Diretor de Extensão e Ação Intercultural PROEX)
- Evandro Costa de Medeiros Medeiros (docente da FECAMPO)
- Flávio Gatti (docente, coordenador de extensão e cultura do IETU)
- Gil Vieira Costa (Docente do ILLA e chefe do Setor de Apoio a Ações Culturais DEXT/PROEX)
- José Amilton de Souza (Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Estudantis)
- Laranna Prestes Catalão (Assistente Social DAI/PROEX)
- Maria Clara Sales Sampaio (docente do ICH)
- Ricardo Tavares D'Almeida (Discente de Jornalismo ICSA)

Comissão de Apoio a Eventos Culturais

- Alan Leite da Silva (Coletivo de Cultura MST)
- Alcione Sousa de Meneses (Docente da UFPA Altamira)
- Gracinha Donato (Coletivo de Cultura MST)
- Luciana Barbosa de Melo (Coletivo de Cultura MST)

Produção e diagramação do catálogo

- Felipe Ramos (Discente de psicologia e bolsista PROEX Programa Arte, Cultura e Educação)